

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS
SOCIEDADE, CONHECIMENTO E POLÍTICA

**A Transição dos jovens da Escola para o Mercado de Trabalho:
o concelho de Santa Marta de Penaguião**

Chris Gerry, Patrícia António, José Portela

Departamento de Economia e Sociologia
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Abstract

Este artigo baseia-se num relatório realizado pela equipa portuguesa num projecto de investigação de 7 parceiros europeus sob o título de *Policies and Young People in Rural Development*¹, e descreve parte da pesquisa feita num concelho rural do Douro: Santa Marta de Penaguião. O objectivo específico desta parte do trabalho foi o de diagnosticar as forças-chave que individualmente ou conjuntamente influenciam as sucessivas fases que os jovens percorrem na transição da escola para o mercado de trabalho. Este diagnóstico pretende ainda identificar os maiores “pontos de viragem” neste percurso, nomeadamente os papéis da iniciativa pessoal, das políticas, das redes sociais, e do mercado. Esta análise compreende a construção de uma tipologia de percursos de transição da escola para o mercado de trabalho vividos por jovens do concelho rural de SMP. Finalmente, sintetizaremos as principais conclusões relativas aos factores que auxiliam/dificultam o percurso dos jovens de SMP.

Introdução

O estudo aqui descrito tem uma natureza essencialmente qualitativa, baseado em questionários fechados e entrevistas semi-estruturadas individuais realizadas a 46 jovens que residem no concelho de SMP e a 6 informantes-chave (i.e. actores

¹ Financiado pelo programa da UE - FAIR (contracto Nº 6-CT98-4171). Este projecto foi coordenado pelo Prof. Mark Shucksmith, do Arkleton Centre for Rural Development Research, Aberdeen University, United Kingdom. O projecto envolveu equipas da Escócia, Irlanda, França, Alemanha, Áustria, Finlândia e Portugal. A equipa portuguesa foi coordenada pelo Prof. José Portela do DES-UTAD, e, para além dos autores do presente artigo estiveram ainda envolvidos dois outros elementos: Carlos Marques e Vasco Rebelo.

institucionais que pela sua actividade profissional ou âmbito de influência contactam de perto com os jovens). Foram realizados ainda 3 entrevistas de grupo com os jovens e os informantes chave. Deste trabalho resultou um vasto volume de informação transcrita e que foi objecto de inúmeras análises durante os dois anos de duração do projecto de investigação. O enquadramento teórico do trabalho de investigação desenvolveu-se com base em vários conceitos dos quais se destacam os de ruralidade, políticas sociais e económicas, juventude, inclusão/exclusão social, mercado de trabalho, redes sociais e desenvolvimento rural.

Após a descrição das tendências recentes no mercado de trabalho em SMP procederemos a uma breve análise do perfil ocupacional dos jovens entrevistados. Estes jovens constituem a amostra a partir da qual construímos uma tipologia de percursos de transição da escola para o mercado de trabalho. A identificação dos pontos de viragem nas experiências de transição da escola para o (des)emprego permite-nos identificar as forças que se constituem como o ambiente externo enfrentado pelos jovens. Finalmente, nas conclusões, identificamos os factores que auxiliam/dificultam a transição da escola para o mercado de trabalho. Inegavelmente, as políticas de emprego dirigidas aos jovens devem debruçar-se sobre tais factores.

Emprego e Desemprego em Santa Marta de Penaguião: Tendências recentes

O concelho de SMP é amiúde apresentado como “um concelho problema”. E de facto, a situação é problemática na medida em que as recentes tendências das taxas de emprego e desemprego têm-se agravado. Enquanto que o emprego no Douro cresceu em 9% no período de 1995-1997, o desemprego naquele concelho aumentou em cerca de 30%, exactamente na mesma altura em que a tendência para Portugal ia no sentido decrescente, situando-se em 1997 (INE) nos 7%. Esta situação explica-se por duas razões essenciais. Por um lado, a economia local tem-se mostrado incapaz de absorver o número relativamente modesto de jovens que entram anualmente no mercado de trabalho. Por outro lado, tem-se assistido a um aumento no número de pessoas que estão “disponíveis para trabalhar”, isto é activas, tanto em resultado de melhorias na obtenção de dados estatísticos bem como na classificação de pessoas que eram consideradas inactivas e que passaram a inscrever-se como desempregadas.

É amplamente reconhecido que o desemprego é particularmente problemático na população activa jovem, sendo as mulheres as mais afectadas. Este fenómeno de

desigualdade sexual, entre os jovens no intervalo dos 15 aos 24 anos de idade, é bastante expressivo na região do Douro comparativamente às restantes regiões do país. Apesar da indisponibilidade de dados de desemprego por sexo e idade na NUT Douro, pudemos, no entanto, verificar este fenómeno de desigualdade, recorrendo à comparação daquela unidade com as demais sub-regiões do Norte (Fig. 1). A taxa de desemprego das jovens do sexo feminino em Trás-os-Montes e Alto Douro é três vezes superior à dos jovens do sexo masculino. Adicionalmente, verifica-se um significativo hiato entre a taxa de desemprego das mulheres em Trás-os-Montes e Douro e a de outra qualquer região, o que não acontece com a taxa de desemprego dos homens.

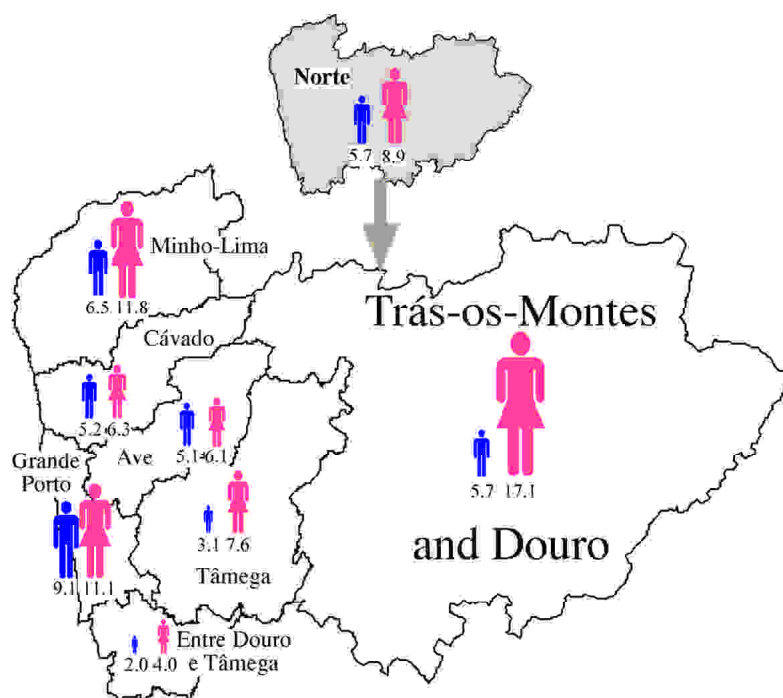


Figura 1 – Taxas de Desemprego (como % da população activa) no intervalo 15-24 anos , por sexo, nas NUTS III no Norte de Portugal (1999)

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Inquérito sobre o Emprego na Região Norte, 1999.

Embora não possamos projectar directamente esta realidade para SMP, o conhecimento que temos do concelho, bem como os dados que se seguem, sugerem que esta tendência se aplica também a SMP. Considerando os dados de jovens (dos 15 aos 24 anos) inscritos como desempregados no Instituto de Emprego e os dados da população residente nesse mesmo intervalo, ficamos com uma imagem da magnitude do desemprego em SMP, comparativamente à do Douro.

Quadro 1. Desemprego da população residente, dos 15-24 anos de idade (1999)

Indicadores de População Activa	S. Marta de Penaguião		Douro	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
A. População (1998 estimativa)	851	832	20.677	19.474
B. Desempregados Inscritos	37	97	835	1.775
C. Desemprego como % da população (B/A)	4.3	11.7	4.0	9.1

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estimativas da População, 1998; Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) 1999.

Como se pode ver no Quadro 1, o número de mulheres entre os 15 e 24 anos inscritas como desempregadas em SMP situa-se bem acima dos 9% da sub-região do Douro, enquanto que os valores para os homens são bastante semelhantes. Confirma-se, assim, o aumento do desemprego e o incremento no hiato entre os números de desemprego para os homens e as mulheres à medida que passamos do Douro para o concelho de SMP. Por indisponibilidade de dados, nada de muito rigoroso podemos dizer acerca da taxa de actividade em SMP. Contudo, se assumirmos uma taxa de actividade para o concelho igual ao valor para o Douro e Trás-os-Montes, então a taxa de desemprego dos jovens de SMP, calculada como percentagem da população activa, será de 8.6% para os homens e de 39.4% para as mulheres. Ora, isto significa que em cada cinco jovens do sexo feminino disponíveis para trabalhar, duas não conseguem encontrar emprego.

O Perfil Ocupacional da Amostra. Experiências de Emprego e Desemprego

As mudanças no mercado de trabalho resultam em SMP de dois factores essenciais: (1) da expansão ou contracção da maioria dos negócios na área, como resultado do processo de globalização nas fileiras em que as empresas locais estão inseridas; (2) do impacto de novas políticas dirigidas directa ou indirectamente para a diminuição da migração para fora do concelho, promovendo a criação de empregos, estimulando as micro e pequenas empresas, atraindo investimento extra-local e melhorando as infraestruturas físicas e sociais.

Para a maioria dos jovens entrevistados são as condições adversas do mercado de trabalho que constituem os aspectos mais negativos relativamente às

oportunidades do concelho. A natureza problemática do concelho consubstancia-se nas duas razões apontadas e em mais algumas, como sejam:

- (1) SMP está muito dependente do cultivo da vinha e da produção do vinho;
- (2) Existe entre os jovens uma forte resistência ao emprego na agricultura, apesar da falta de mão de obra existente em alturas específicas do ano agrícola;
- (3) Vila Real e Régua constituem pólos de atracção, tanto para mão de obra como para investimento, deixando o concelho de SMP com uma fraca capacidade de atrair investimentos ou novos residentes;
- (4) O facto do poder económico e político em SMP estar altamente concentrado e combinado com uma classe empresarial frágil, adversa ao risco e conservadora tende a restringir a entrada de inovação;
- (5) Há a noção, bastante generalizada, de que a vila de SMP, enquanto sede do concelho, não reúne consenso quanto a estratégias de desenvolvimento local.

Os resultados das entrevistas indicaram que a transição da escola para o emprego por parte dos jovens em meios rurais não envolve necessariamente um contacto directo com o mercado de trabalho. Isto não significa que o mercado não funcione, mas sim que as particularidades da interacção oferta/procura e o modo como o mercado, a política e a sociedade civil se articulam podem ser bastante distintas e complexas. Aqueles que formulam as políticas não podem, pois, extrair da "realidade" conclusões simplistas.

O perfil ocupacional dos entrevistados é heterogéneo, variando entre empregos em balcões de lojas ou na restauração, empregos administrativos, empregos não qualificados, ocupações em estágios profissionais e outros com menor peso, como o auto-emprego ou emprego na agricultura e construção civil e no sector público. De facto, o peso dos empregos no comércio demonstra a importância que o comércio tradicional tem em SMP. Por outro lado, o auto-emprego, que é praticamente inexistente também é indicativo do fraco dinamismo empresarial existente entre os jovens.

Quadro 2. Perfil ocupacional da amostra à data da entrevista

Ocupação	Nº	%
Loja/escritório	12	26.1
Administrativo/recepção/secretariado	5	10.9
Centro de Emprego ou colocações semelhantes	5	10.9
Sector Público ou outros cursos de ocupação profissional	2	4.3
Desempregados Inscritos (+ trab. não declarado e/ou ajuda em empresa familiar)	4	8.7
Ainda a estudar	5	10.9
Trabalhadores na construção, agricultura	3	6.5
Empregados no Sector Público (correios, polícia)	3	6.5
Aprendizes/ traba. não qualificados na produção/serviços	5	10.9
Auto-emprego (proprietário de um restaurante)	1	2.2
(A aguardar) Serviço Militar	1	2.2
TOTAL	46	100

Fonte: Entrevistas individuais, SMP 1999-2000.

Aquando da análise dos dados procurámos ver a duração do primeiro emprego e o número de empregos que os jovens tiveram ao longo do seu percurso. Embora seja difícil precisar com exactidão, verificamos que, em média, os jovens desde a escola até à data da entrevista tiveram 2 experiências de emprego com a duração média de 2 anos para cada caso, de 1 ano e meio para o primeiro emprego e de 3 anos para o emprego actual.

Estes resultados parecem contradizer a ideia generalizada de volatilidade do mercado de trabalho. Contudo, verificámos que a maior parte dos empregos a que podemos chamar de “longa-duração” são empregos com salários muito baixos e sem quaisquer perspectivas de promoção.

Percursos de Emprego e a Transição da Escola para o Mercado de Trabalho

As entrevistas conduzidas no concelho de SMP forneceram bastante informação relativamente à experiência dos jovens na entrada no mercado de trabalho. Uma leitura detalhada das transcrições permitiu uma primeira tentativa de identificação de percursos distintos entre a escola e o mercado de trabalho. Possibilitou ainda a identificação de diferentes variáveis que influenciam a direcção e a dinâmica dos percursos. Apresentamos, de seguida, uma tipologia de percursos, ainda que exista, naturalmente, alguma dúvida quanto à estabilidade do emprego que os jovens detinham à data da entrevista.

(A) Primeiros passos (1). A estudar

Neste primeiro tipo, os jovens ainda estão a frequentar a escola, muito embora possam ter tido experiências de trabalho (pago ou não pago). Para além deste mínimo de experiência adquirida, o percurso dos jovens pode ainda ser influenciado por factores familiares ou estruturais que contribuem para a trajectória do futuro percurso escola-mercado de trabalho.

(B) Primeiros passos (2). Trabalhar e Estudar

A maioria destes jovens já abandonou a escola, embora existam indicações de que quererão continuar a estudar para completar a escolaridade mínima obrigatória, ou o 12º ano, isto para acederem a melhores oportunidades de emprego a curto e/ou médio prazo. O emprego a tempo parcial e o desemprego (com ou sem trabalho/rendimento não declarado) são meios para completar o grau de ensino desejado.

(C) Primeiros passos (3) ou Percurso Instável (1). Resultados Indeterminados

Nestes casos, o tempo passado entre a idade de deixar a escola e a procura activa de emprego, ou a resultante de um período de desemprego é insuficiente, e as experiências de emprego ou formação são demasiado curtas para se retirarem conclusões relativamente ao percurso e seus resultados.

(D) Percurso Instável (2). Resultado Complexo e Imprevisível

Este percurso é caracterizado por um padrão complexo de experiências de períodos de tempo curtos, que por vezes se sobrepõem, incluindo experiências de emprego, desemprego, trabalho a tempo parcial, vários empregos, combinação de trabalho com formação profissional, etc.

(E) Percurso Estável (3) Exclusão (In)IntERRUPTA

Este é um percurso caracterizado por uma exclusão relativamente estável, que pode ter sido directa ou indirectamente ininterrupta (i.e. sem nunca ter arranjado emprego ou, tendo estado empregado, ficou desempregado). Esta categoria inclui ainda jovens que, estando inscritos como desempregados, trabalham a “tempo inteiro” num emprego não declarado.

(F) Percurso Estável (2). Inclusão Interrompida (possivelmente precária)

Esta categoria sugere que a trajetória em direção a um emprego estável foi iniciada. A primeira experiência de emprego pode, contudo, ter sido precedida por um período de desemprego, e possivelmente por uma experiência de formação profissional, antes do emprego ter sido encontrado. Note-se, contudo, que um emprego *estável* não é necessariamente (i) sinónimo de emprego com qualidade; (ii) sinónimo da existência de um vínculo contratual duradouro com a entidade empregadora. Assim, a exclusão social dos jovens acaba por pesar mais do que a inclusão económica de que “gozam”.

G) Percurso Estável (1). Inclusão Directa e Ininterrupta

A transição para o emprego aparentemente estável foi concluída sem grandes interrupções, nesta categoria. A evidência de emprego precário é mínima e até inexistente.

A tipologia que acabámos de expor, permitiu-nos estabelecer a tendência dos percursos de transição da escola para o mercado de trabalho pelos quais os jovens de SMP passam. Ressalve-se, contudo, as conclusões percentuais como aproximações à tendência geral, dada a limitação da dimensão da amostra.

Quadro 3 – Tipologia dos percursos escola-emprego

Categoria de Percurso		Nº	%
A-Primeiros Passos 1	Estudantes a tempo inteiro	4	8.6
B-Primeiros Passos 2	Trabalhar e Estudar	6	13.0
C-Primeiros Passos 3 Instável 1	Indeterminado	9	19.6
D-Instável 2	Complexo e imprevisível	3	6.5
E-Estável 3	Exclusão (In)interrupta	3	6.5
F-Estável 2	Inclusão Interrompida (precariedade)	5	10.9
G-Estável 1	Inclusão directa/ininterrupta	16	34.9
TOTAL		46	100.0

Fonte: Entrevistas individuais, SMP 1999-2000.

Se excluirmos os jovens que estudam a tempo inteiro (A), verificamos que 38% dos entrevistados conseguiram uma transição para o mercado de trabalho relativamente satisfatória (G). Se incluirmos aqueles cujo percurso para a estabilidade

no emprego foi interrompida e são ainda caracterizados por alguma precariedade ocupacional (F), a proporção de jovens com um grau de exclusão económica baixo a moderado aumenta para exactamente 50% da amostra.

Cerca de um em cada cinco jovens (21,4%) mantêm-se numa situação indeterminada, sem que se saiba se os resultados serão positivos ou negativos (C). De facto, se a esta categoria acrescentarmos aqueles que trabalham e estudam (B) e aqueles com um percurso complexo e imprevisível (D), verificamos que em dezoito casos (quase 43% da amostra) é ainda cedo para determinar o futuro dos seus percursos de transição para o mercado de trabalho. Contudo, existem vários casos em que a exclusão económica experimentada é de moderada a elevada.

Finalmente, entre os entrevistados, há ainda três jovens cujos percursos de emprego sugerem que podem ser classificados de desempregados de longa duração, constituindo 7% do total da amostra. Nestes casos, a extensão da exclusão económica é indubitavelmente elevada.

O conjunto de diagramas apresentados de seguida, sintetizam os sete tipos de percursos de transição para o mercado de trabalho acima definidos e embora sejam estilizados e hipotéticos, constituem uma representação das experiências de muitos dos jovens de SMP.

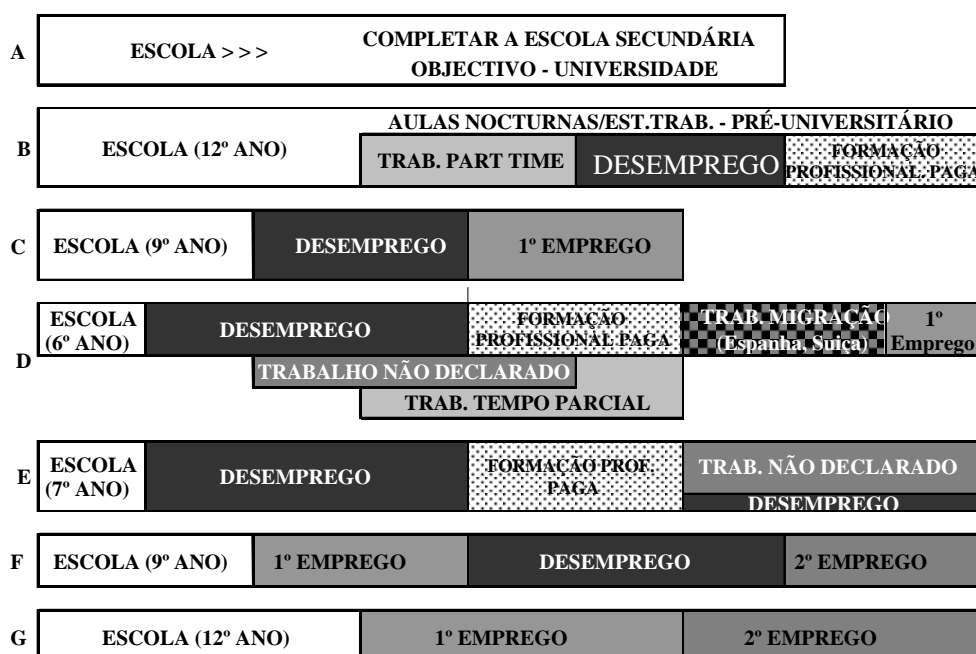


Figura 2 – Categorias de percursos de transição da escola para o mercado de trabalho

Percursos e Pontos de Mudança

Tal como existe um elevado grau de variação e de especificidade nos percursos de transição para o primeiro emprego, também os pontos de viragem nestes percursos assumem complexidades distintas. Estes pontos de viragem fornecem conhecimentos sobre a forma como as variáveis numa economia rural e na sociedade interagem.

Nalguns casos, um ponto de viragem é decisivo; noutros casos uma série destes pontos (tanto positivos, como negativos) interagem, complementando-se ou sobrepondo-se; noutros casos, ainda, uma trajectória de espiral de descida ou de subida pode ocorrer em momentos chave no percurso de transição da escola para o mercado de trabalho.

A melhor forma de organizar conceptualmente estas variáveis, por forma a perceber as experiências de primeiro emprego de quase 50 jovens, é pensar não só em termos da tipologia de percursos apresentada anteriormente, mas também conceber uma tipologia de pontos de viragem nos percursos. Contudo, esta tarefa não cabe no âmbito deste estudo exploratório. Assim, procederemos tão só à apresentação de exemplos de pontos de viragem, que, embora hipotéticos, reflectem as situações encontradas nas entrevistas e grupos de discussão realizados em SMP.

O diagrama da Fig. 3. apresenta um sumário detalhado das forças que formam o percurso para o emprego de um caso hipotético de um jovem de SMP. O objectivo é o de mostrar não só a dimensão, mas também o modo como as variáveis se interligam para determinar o resultado da entrada no mercado de trabalho de um jovem de SMP. Por simplificação do diagrama, assume-se que o impacto dos factores que influenciam a direcção e a dinâmica do percurso de transição da escola para o mercado de trabalho, é sentido no fim de cada fase, embora, na realidade, as influências se façam sentir ao longo das diferentes fases do percurso e até para além do seu término.

O diagnóstico dos diagramas de percursos de transição da escola para o emprego permitiu a identificação dos principais pontos de viragem na vida dos jovens. São eles os seguintes:

- **Iniciativa**, i.e., a atitude e motivação do jovem entrevistado, determinada tanto pela própria personalidade e pelas várias formas de socialização próxima ou geral;

- **Política**, intermediada normalmente através do poder nacional e local, e/ou as instituições públicas e/ou privadas para as quais foram transferidas as responsabilidades relativas à formação profissional; neste ponto de viragem há ainda que fazer a distinção entre (a) **escola**, (b) **centro de emprego** e (c) várias formas de **formação profissional**;
- **Redes Sociais**, baseadas na **família**, **vizinhos** e **amigos** do jovem ou da sua família; **partidos políticos** e outras estruturas políticas (em particular a **Câmara Municipal** do concelho); e ainda **associações**. Estas redes podem basear-se na solidariedade ou podem assumir uma natureza mais clientilista; podem funcionar autonomamente com relações simétricas, ou podem ser caracterizadas por uma interdependência assimétrica;
- **Mercado**, que de certo modo funciona como *proxy*, tanto para as restrições estruturais como para as oportunidades de emprego que um jovem sente quando transita da escola para o mercado de trabalho.

Em suma, os jovens rurais confrontam-se com vários pontos de viragem e os seus percursos são modelados por sucessivas influências que podem assumir um carácter positivo ou negativo. Os percursos dos jovens são, pois, o resultado da estrutura e funcionamento do **mercado**, das empresas e **organizações** nele inseridas, do aparato **institucional** público, do enquadramento das **políticas**, e das **redes sociais** que formam o ambiente “externo” que os jovens enfrentam.

UM EXEMPLO ILUSTRATIVO DAS FORÇAS E FACTORES QUE INFLUENCIAM A TRANSIÇÃO ESCOLA-EMPREGO

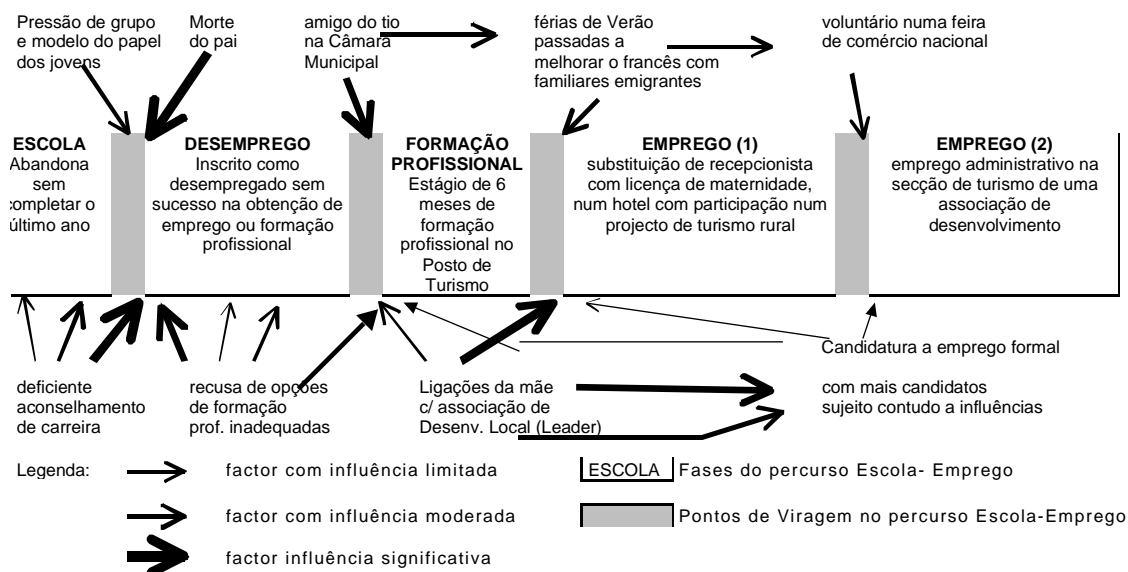


Figura 3. Pontos de viragem no percurso da escola para o mercado de trabalho

Conclusões

A análise dos percursos de transição da escola para o mercado de trabalho dos jovens entrevistados em SMP constitui uma ferramenta útil para a identificação de áreas de intervenção de uma política de emprego dirigida aos jovens que vivem no meio rural e quiçá aos jovens do meio urbano. Assim, procuraremos sintetizar as nossas conclusões relativas aos factores que auxiliam ou dificultam a transição da escola para o trabalho.

1. A escola e o sucesso no emprego

São os jovens com nível de escolaridade mais elevada que mais problemas têm na procura de emprego. Mais de metade (58%) dos jovens que não completaram o 9º ano encontraram emprego imediatamente após a saída da escola, enquanto que 71% dos que entraram no último ciclo do ensino secundário experimentaram o desemprego após terminarem o ensino secundário.

2. Trauma de família e perspectiva de emprego

Um problema familiar como um divórcio, a morte ou doença de um dos pais ou uma mudança brusca na situação económica pode influenciar a transição da escola para o mercado de trabalho.

3. Aconselhamento e orientação por parte dos professores

É necessário que os professores empenhados tenham boas capacidades de detectar as capacidades, talentos e ambições dos jovens e/ou capacidades de aconselhamento quanto à carreira, sob pena de se deixar os alunos sem motivação e mal preparados para as dificuldades na transição da escola para o mercado de trabalho.

4. Informação, orientação e formação profissional através do IEFP

O desempenho dos centros de emprego dirigidos pelo IEFP está em parte limitado pela legislação e pelas práticas burocráticas impostas na sua operacionalidade. Estes têm funcionado essencialmente como mediadores entre o sector privado e os que procuram emprego. Esta limitação é tanto mais importante quanto o sector público é um dos maiores empregadores no concelho e havendo obrigatoriedade de concurso público o IEFP não age como parte no processo. A noção que os jovens têm da funcionalidade daquele serviço público é simplesmente a de fornecedor de cursos e estágios de curta duração. Não percebem essa instituição como uma via importante para a obtenção de emprego. Os jovens são muito críticos relativamente ao IEFP, quer no que se refere ao tempo em que estão inscritos sem qualquer contacto por parte do Instituto, quer em relação ao fraco nível de aconselhamento que fornece. A percepção e a confiança dos jovens nos Centros de Emprego mostrou-se muito negativa, pelo que há uma importante necessidade de mudança.

5. Formação Profissional e percursos

A falta de cursos de formação profissional ao nível local foi apontado como factor limitativo na obtenção de competências necessárias aos jovens. De salientar que muitas vezes os cursos de formação profissional são vistos muito mais como modo de

auferir um rendimento do que um modo de adquirir competências. Verificámos ainda que muitos jovens que tinham frequentado algum tipo de formação profissional haviam-no feito sem serem capazes de fazer qualquer referência à respectiva medida de política. Por vezes, nem sequer conheciam a entidade promotora do curso. Identificavam somente os formadores respectivos.

6. A existência de redes sociais

Praticamente todos os jovens entrevistados consideraram as redes sociais como importantes na procura de emprego. Particularmente na procura do primeiro emprego as redes sociais, em especial a dos pais surge como um factor muito importante. A formação profissional é também vista como um meio para se iniciar o estabelecimento de redes sociais entre os mais jovens.

Em suma, o trabalho precário subsiste entre os jovens de SMP, sendo a sua duração longa e sem perspectivas de carreira futura. Subsistem ainda entraves do ponto de vista do aparelho do Estado e dificuldades em identificar as políticas de emprego para o concelho. Finalmente, as redes sociais funcionam muitas vezes como o mais importante passo na procura de emprego.

A percepção da importância do ambiente externo ou daquilo a que podemos denominar de cultura local é um elemento-chave na compreensão do processo de inclusão/exclusão sócio-económica dos jovens. De facto, a partir das entrevistas com os jovens, verificámos que a transição da escola para o mercado de trabalho se faz com uma quebra significativa. Os jovens sentem uma descontinuidade entre as suas aptidões/talentos e aquilo que “recebem” da escola e ainda entre as competências adquiridas no ensino e as experiências de emprego que o concelho lhes permite obter.

Os percursos dos jovens, como se conclui pela tipologia apresentada, é bastante acidentado, com o primeiro emprego como meta difícil de atingir e se é obtido tem amiúde uma estabilidade questionável. As oportunidades de formação profissional, por sua vez, são poucas e pouco adequadas às necessidades do concelho. Os informantes-chave entrevistados sublinharam a importância da formação profissional para as empresas locais e para o próprio fomento de (novas) actividades ligadas, por exemplo, ao turismo rural. Portanto, as competências linguísticas, entre outras, são evidentemente indispensáveis.

Embora a criação de postos de trabalho não seja uma tarefa de fácil prescrição, o contexto regional e local de SMP dispõe de algumas potencialidades. Se considerarmos que o sector dos vinhos de mesa e do vinho do Porto é inquestionavelmente importante para a região, então a sua diversificação e ligação a múltiplos serviços de turismo é certamente uma fonte de postos de trabalho significativa. Do mesmo modo, a inexistência de mão-de-obra qualificada capaz de satisfazer as necessidades técnicas das empresas produtoras de vinho constitui uma oportunidade de formação profissional e, conseqüentemente, de emprego. Postos de trabalho podem ainda ser criados no âmbito de serviços de acção social, a ser prestados a crianças e a idosos, o que de resto corresponde às aspirações de vários jovens entrevistados.

A investigação realizada conduz-nos a uma questão final: que eficácia terá uma política geral de emprego, dirigida aos jovens, que incida essencialmente sobre as transformações sócio-económicas, particularmente quando as situações que eles vivem são entre si tão diversas? A resposta parece residir no conhecimento das influências que os jovens enfrentam e procuram no seu percurso entre a escola e o emprego. As políticas de emprego dirigidas aos jovens não terão os efeitos desejados a menos que integrem uma forte articulação entre as medidas de política, o funcionamento do mercado e a influência das redes sociais.

Referências Bibliográficas

- AMBRÓSIO, Teresa e outros, (1985). *Situação, problemas e perspectivas da juventude em Portugal*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- AZEVEDO, Joaquim, (1992). *Expectativas escolares e profissionais dos jovens do 9º ano*. Porto: Edições Asa.
- BECK, Ulrich (1992), *Risk society: towards a new modernity*, London, Sage.
- CABRAL, Manuel Villaverde, (1998). *Jovens portugueses de hoje*. Oeiras: Celta Editora.
- Emprego e Formação*.: Revista de estudos e informação técnica, (1992). Lisboa: Instituto de Emprego e de Formação Profissional. Janeiro, nº 17.
- ESTANQUE, Elísio e MENDES, José Manuel, (1997) *Classes e Desigualdades sociais em Portugal: um estudo comparativo*, Edições Afrontamento,

- FERNANDEZ, R.M., CASTILLA, E.J., and MOORE, P. (2000), "Social capital at work: networks and employment at a phone center", *American Journal of Sociology*, 105 (5), pp. 1288-1356.
- FIGUEIREDO, Alexandra Lem, (1999). *Jovens em Portugal: análise longitudinal de fontes estatísticas 1960-1997*. Oeiras: Celta Editora.
- GERRY, C. (1999), "Portugal: rural youth, networks & social inclusion", paper apresentado na 2ª Reunião do PaYPIRD Project Coordinators, Vienna, Austria, 8 a 9 de Setembro, 10 pp.
- GERRY, C. et al (2000) *Social Networks, Labour Market and Policy Impact in Santa Marta de Peneguião, Relatório Nacional*, PaYPIRD project, Departamento de Economia e Sociologia, UTAD, Vila Real, Portugal, Dezembro, 77 pp.
- MÃO-DE-FERRO, António e FERNANDES, Viriato, (1992). *Os jovens e a vida activa*. Lisboa: Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- Molm, L.D., Takahashi, N. and Peterson, G. (2000), "Risk and trust in social exchange: an experimental test of a classical proposition", *American Journal of Sociology*, 105 (5), pp. 1396-1427.
- Nardi, B., Whittaker, S., and Schwarz, H. (2000), "It's not what you know, it's who you know: work in the information age", *First Monday* (peer-reviewed internet journal), Vol.5, Nº. 5, May 3rd, www.firstmonday.org.
- PORTELA José F.G. et al (2000), "Young People: from vocational dreams to pragmatism", Relatório Nacional, *Relatório Nacional*, PaYPIRD project, Departamento de Economia e Sociologia, UTAD, Vila Real, Portugal, Portugal, Julho, 138 pp.